

“Ainda sonho com sua América”: resenha de *Correspondência*, de Victoria Ocampo e Virginia Woolf

BIANCA PATRÍCIA DE MEDEIROS NASCIMENTO

Discente de Letras (UFPE)
bianca.mnascimento@ufpe.br

OCAMPO, Victoria; WOOLF, Virginia. **Correspondência seguida de Virginia Woolf em seu diário**. Tradução e notas Emanuela Siqueira, Nycléa Pedra e Rosalia Pirolli. Prólogo Manuela Barral. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024. 208p.

Victoria Ocampo. Virginia Woolf. Duas escritoras, críticas, editoras; duas mulheres, com uma única diferença, a localização no mapa: Ocampo morava na Argentina, Woolf, por sua vez, na Inglaterra. Escritoras cujos destinos se cruzaram em uma exposição do fotógrafo estadunidense com fortes traços surrealistas, Man Ray, no ano de 1934, em Londres. De 1934 a 1940, as duas autoras permaneceram trocando cartas sobre o cotidiano, as perspectivas crítico-literárias e as tentativas de encontros. Desses espaços, pode-se ainda retornar à América do Sul e pinçar um outro, o Brasil: afinal, com o livro *Correspondência* (2024), as cartas encontraram novos destinatários, os leitores brasileiros, que, pela primeira vez, têm acesso a (algumas) epístolas trocadas entre essas duas mulheres, bem como ao ensaio crítico escrito por Victoria Ocampo de título “Virginia Woolf em seu diário”.

Passeando pelas primeiras páginas da edição brasileira, publicada pela Bazar do Tempo, descobre-se que ela é baseada em uma publicação argentina, lançada pela editora Rara Avis. Permanecendo com as notas de tal edição, a brasileira é enriquecida com mais notas das tradutoras brasileiras — Emanuela Siqueira, Nycléa Pedra e Rosalia Pirolli —, além da apresentação “As damas do unicórnio”, de Manuela Barral, e de dois textos sobre os perfis de Virginia Woolf e Victoria Ocampo, escritos, respectivamente, por Emanuela Siqueira e Karina de Castilhos Lucena.

A apresentação de Barral é útil ao leitor por, sumariamente, traçar o epistolário de Virginia Woolf, cuja extensa produção epistolar é difundida, e Victoria Ocampo que, embora muito tenha escrito, tem poucas cartas publicadas. Neste livro, por exemplo, há apenas três — ou cinco, hesita Manuela Barral — cartas escritas pela argentina à britânica — um número muito pequeno comparado às vinte e três assinadas por Woolf. Barral justifica a sua hesitação com o número: na realidade, O campo, em seus *Testimonios*, livro de cunho autobiográfico, traduziu do inglês e do francês, línguas em que geralmente escrevia para a britânica, duas cartas enviadas a Woolf, fundindo-as em uma só — tanto que o título é “Carta a Virginia Woolf” (grifo meu). Assim, o material reunido no livro apresenta parcialidade, certa incompletude, e é justamente por isso que “sua reconstrução é fundamental para compreender o vínculo entre duas mulheres escritoras e editoras” (Barral, 2024, p. 22).

Após a apresentação, há a seção destinada às correspondências trocadas entre 1934 e 1940, que às vezes são bastante reveladoras, outras mais discretas, das realidades dessas mulheres durante a primeira metade do século XX. Logo na primeira carta, escrita por Woolf a Ocampo em 27 de novembro de 1934, nota-se o olhar estrangeiro, *exótico*, da britânica em relação à Argentina — e à América do Sul de forma mais ampla —, lugar em que vive “Okampo”, como escreve erroneamente Virginia: “Você é muito generosa, e, se ficar me mandando essas lindas borboletas roxas [orquídeas], terei que compará-la a uma. Abri a caixa e pensei ‘É assim que se parece um jardim na América do Sul!’” (Ocampo; Woolf, 2024, p. 33). A referência às paisagens sul-americanas, descritas idilicamente por Virginia Woolf, permeia mais algumas cartas, o que decorre do envio por parte de Ocampo de flores ou textos ensaísticos, bem como da onda nazifascista que se espalhava pela Europa.

Após a leitura dessa primeira carta, já existe, para o leitor, uma lacuna na resposta de Victoria; assim, a nós, a sua voz emerge, inclusive em uma fac-símile, no dia 5 de dezembro, quando informa a Woolf sobre sua possível ida a Londres (bastante cosmopolita, Ocampo encontrava-se em Paris).

Outro aspecto chama atenção nessa carta: a argentina reforça sua postura de crítica para Virginia, dizendo-lhe que não desejava bajulá-la ao afirmar que ela, Woolf, era melhor do que Katherine Mansfield. Ainda tratando desse aspecto crítico-literário, escreve: “Eu não gosto de comer & nem de ser alimentada. Sou uma pessoa voraz. E acredito que ter fome é tudo”, continuando no parágrafo seguinte, “Quero dizer que nossa fome é um elemento muito importante. Que as coisas só existem de verdade para nós quando e porque temos fome delas e na medida em que essa fome é imensa” (Ocampo; Woolf, 2024, p. 36).

A insaciedade é necessária para permanecer experimentando, tanto no sentido de degustar, enquanto crítica, dos demais quanto no de se reinventar e provar a/de si mesma. No caso de Ocampo, acrescida à fome, percebo uma sede de reforçar sua posição de crítica e de escritora de ficção: consciente — como se mostra no ensaio posterior às correspondências — de ser uma mulher latino-americana circulando pela Europa no início do século XX, imagina-se o risco de ser minorizada e/ou exotizada pelos seus pares.

No mesmo dia, 5 de dezembro, Virginia Woolf retorna, concordando com Ocampo e convidando-a para um encontro na terça-feira, único dia em que haveria disponibilidade da britânica para tal. Caso não, poderiam apenas se ver na segunda, durante o chá que, às vezes, sofria interrupções. Por fim, Woolf desculpa-se pelos “garranchos desconexos escritos sob o brilho das rosas vermelhas” (Ocampo; Woolf, 2024, p. 43), estas que não são descritas por espaço e cérebro insuficientes. Esmiúço uma carta a princípio cotidiana porque, através dela, consigo entrever alguns impasses que se repetirão correntemente até 1940: Woolf escrevendo apressadamente por ter que finalizar o jantar ou sair, pedindo perdão por sua caligrafia desordenada e tentando marcar encontros no decorrer dos anos — alguns que, apesar de empecilhos, se efetivaram.

Em uma outra carta a Virginia Woolf, Victoria Ocampo (2024, p. 46), em 11 de dezembro de 1934, relata seus impasses intelectuais e emocionais resultantes do seu constante estado de trânsito: “É como se o meu coração pudesse suportar apenas o clima

sul-americano, ao passo que minha mente pudesse suportar apenas o clima europeu. É isso, mas não é exatamente isso!”. Trânsito, acrescento, de uma *mulher* que, na ânsia por experimentar, não confia na opinião de seus amigos homens: “Os homens julgam uma mulher sempre (ou quase sempre) conforme eles mesmos, conforme as reações que eles têm no contato com ela (espiritual... até). Sobretudo se ela não for disforme ou não tiver um rosto desagradável”, concluindo o parágrafo, “É inevitável para eles, em especial se forem *latinos*” (Ocampo; Woolf, 2024, p. 47).

Certamente, tendo Ocampo lido o ensaio de Virginia Woolf, *A Room of One's Own*, publicado em 1929, no qual a britânica defende um cômodo e condição financeira necessária para uma mulher desenvolver a sua escrita, o ato de declarar-se confortavelmente e confidenciar sua experiência a Virginia não parece estranho. Essa carta, informam as notas de rodapé, passou por algumas mudanças na década de 70, ora acréscimos, ora supressões, que podem ser consultadas pelo leitor no fac-símile disponível ao final da seção “Correspondência (1934-1940)”.

A mim, parece que as mudanças têm um ponto em comum que toca o amplo público leitor das cartas: a atenuação ou sobriedade das declarações, das emoções, destinadas a Woolf. Um exemplo tão sutil, mas que expõe a tentativa de contenção por parte de Ocampo enquanto tradutora da sua própria carta, escrita inicialmente em francês, e revisora, surge no parágrafo anterior ao excerto citado. Na epístola sem modificações, lemos: “Se tem alguém no mundo *que pode* me dar coragem e esperança, é você. Pelo simples fato de ser quem você é e de pensar como você pensa” (Ocampo; Woolf, 2024, p. 47, grifos de Ocampo). Na versão traduzida e revisada, ela acrescenta à mão ao fim do parágrafo: “Perdoe o lugar comum”. Noto algo semelhante à carta de 5 de dezembro, aqui já citada, em que Ocampo reforça seu espaço de uma admiradora crítica, acentuando a sua consciência acerca do lugar que Virginia Woolf ocupava enquanto autora e dos possíveis comentários que ouvia. Reflexo de uma aproximação distanciada, sóbria, que se elucida com a leitura do “Virginia Woolf em seu diário”, ao qual me dedico mais à frente.

Das cartas que se seguem, nas quais Woolf trata da tradução do romance de D. H. Lawrence por Ocampo, da chegada dos *Testimonios* a sua casa — e sua impossibilidade de ler o livro por não saber espanhol — e das cartas apressadas, a tentativa de imaginar a América do Sul através da produção ensaística e epistolar de Ocampo reaparece com uma intensidade. Na carta de 22 de dezembro de 1934, conjeturando o que faria Victoria em Paris e pedindo a ela que lhe contasse de suas vivências, Woolf (2024, p. 54) escreve: “Ainda sonho com a sua América”; um mês depois, com a partida de Victoria Ocampo da Europa, lemos: “E você está prestes a viajar para a terra das borboletas grandes e dos campos vastos [Argentina], a qual consigo esboçar a partir de suas palavras aladas” (Ocampo; Woolf, 2024, p. 58).

Na carta de 2 de maio de 1936, Virginia Woolf aparenta antecipar o que viria no segundo semestre daquele ano — as Olimpíadas na Alemanha, em que houve uma forte propaganda nazista, e a aliança do Eixo, ou seja, da Itália fascista com a Alemanha nazista. Pensando que a argentina quiçá estivesse com uma vida mais emocionante e aventureira do que a sua e deseja-lhe “novas amizades e [a] descob[erta de] coisas novas para fazer barulho aí na América do Sul”, finaliza: “Aqui, vivemos sob a sombra do desastre. Desconheço uma época tão agourenta. Até mesmo artistas se deprimem,

definem e não conseguem seguir com o trabalho” (Ocampo; Woolf, 2024, p. 66). A América do Sul, percebo, é desenhada como um refúgio, o lugar onde seria possível se resguardar do terror crescente na Europa — em referência à obra de Sérgio Buarque de Holanda, uma visão do paraíso novecentista —, o que é curioso em vista o cenário latino-americano, também afetado pelo crescente fascismo italiano.

Em 26 de junho de 1939, Woolf escreve a Ocampo relatando-lhe o desconforto que sentira pela insistência da argentina em Gisele Freund fotografá-la. No dia 20 de maio de 1940, Virginia escreve a sua última carta a Victoria, dizendo que lhe desculpava pelo incidente já que Ocampo não sabia do seu desagrado em ser fotografada. Com esse desfecho em aberto, sem saber ao certo se alguma carta foi enviada por Ocampo, encerram-se as correspondências e inicia-se o ensaio “Virginia Woolf em seu diário”.

Nesta parte, a argentina versa sobre *A Writer's Diary*, de autoria de Virginia Woolf, publicado postumamente em inglês no final da década de 80, em uma espécie de análise crítica que desemboca — positivamente!, como não poderia deixar de ser — na produção literária da britânica. Tomando o diário como espaço de criação artística, Ocampo aponta o desenvolvimento da escrita de Woolf e objeta, embora compreensivamente, a “limpeza” — ou expurgo, como optaram as tradutoras desta edição — realizada por Leonard Woolf, esposo de Virginia, de seu diário. O ensaio, então, caminha pela infância de Virginia, pela austeridade de seu pai, Leslie Stephen, retoma algumas cartas enviadas pela britânica, rejeita a redução de suas mudanças de humor a uma “saúde frágil”, descreve e observa o *tunnelling process*, técnica narrativa woolfiana.

Em “As borboletas”, a última seção do ensaio, Ocampo se insere pessoalmente a fim de ponderar sobre o seu relacionamento com Woolf: “Nos conhecemos há vinte anos. O que ela representava para mim naquela época? A coisa mais valiosa de Londres. E o que eu terei sido para ela? *Um fantasma sorridente, como também era o meu próprio país*” (Ocampo, 2024, p. 147, grifos meus). A despeito de Victoria Ocampo ser consciente do olhar exotizado lançado por Virginia Woolf a ela e à Argentina, isso não foi o suficiente para obstruir sua admiração e a amizade, na sua perspectiva, unilateral — “uma vez que eu [Victoria Ocampo] a conhecia, e ela não me conhecia; pois ela existia intensamente para mim, e eu fui para ela uma sombra longínqua, em um país exótico criado pela sua fantasia” (Ocampo, 2024, p. 148). Com a morte de Woolf, revisitando-a em seu diário, em seus romances, nas cartas trocadas, Victoria declara a maior aproximação entre elas, o florescimento de sua amizade.

Por fim, entre borboletas coloridas, uma imaginação deturpada da América do Sul, a fome de experimentar, encontraram-se duas mulheres, escritoras, críticas, editoras, com uma única diferença bastante crucial que talvez as tenha distanciado em vida: a localização no mapa. Com a edição de *Correspondência* (2024), os leitores brasileiros podem — tentar — sentar ao chá da tarde, conversar com ambas autoras, desvelar um pouco de suas vidas ou se lançar ao mistério, à incompletude deste epistolário. Melhor: assim como as borboletas enviadas por Ocampo a Woolf, com suas asas, podem atravessar o Atlântico e vislumbrar os sonhos de uma América do Sul inexistente.